

Em poucas palavras, o objetivo central de Maria Aparecida Silva é comprovar que “*Plutarco construiu um texto histórico através da narrativa biográfica, que se trata de um investigador da verdade dos fatos, com visão histórica dos acontecimentos*”. (2006, p. 35) Seria sim um historiador, que coleta, seleciona e registra informações do passado, pois, ao mesmo tempo em que escreve biografias, ele o faz demonstrando familiaridade com os procedimentos da investigação histórica de sua época. A autora avança mais, afirmando que ele escreve a história das cidades-Estado através das biografias dos homens que mais se destacaram na vida política destas. Maria Aparecida considera que as *Vidas Paralelas* oferecem valiosas informações referentes a séculos de história do Mediterrâneo antigo, pois os contextos históricos emergem dos estudos comparados das vidas de gregos e romanos (2006, p.28-29). No entanto, esta sorte de interpretação pode ser alcançada tão-somente mediante uma análise de conjunto da obra, como a autora propõe e faz, o que pode ser verificado pelo leitor no capítulo referente às biografias espartanas. Esta é, porém, uma posição diversa da maioria dos comentadores, que preferem abordar as biografias em isolado, a partir daí estabelecendo suas conclusões sobre a obra plutarquiana.

Ao assumir que Plutarco possuía visão histórica dos acontecimentos em suas *Biografias*, a autora vai, com muita coragem, na contramão da maioria dos estudiosos, do Renascimento até o presente, os quais preferem atribuir à sua narrativa a marca da a-historicidade, descaracterizando sua dimensão histórica, ao caracterizá-la como obra filosófica, moral, pedagógica, retórica ou literária (2006, p. 35). É com um texto muito leve, fluido, de linguagem fácil, que a autora transita entre as biografias plutarquianas, e entre estas e as diversas fontes antigas identificadas, apontando os procedimentos de metodologia histórica utilizados pelo autor, na coleta, comparação e crítica das fontes, identificando ademais o uso de fontes de natureza variada (escrita, visual e oral), como era próprio dos historiadores antigos. Ao longo deste percurso, ela vai construindo o Plutarco historiador e desconstruindo o biógrafo retórico, moral-filosófico, metafísico.

A convincente construção de um Plutarco historiador ampara-se na divisão coerente da obra em três partes, que de certa forma seguem o triângulo epistemológico: teoria (natureza da narrativa biográfica com relação à disciplina histórica), metodologia (fontes historiográficas) e empírico (estudo de conjunto das biografias). Assim, após analisar, no primeiro capítulo, o entendimento da natureza epistemológica das biografias de Plutarco quanto à sua relação com a história, o leitor adentra, no segundo, um meticoloso estudo das fontes antigas utilizadas por Plutarco, trecho que por si só já valeria a leitura do livro, pois é suficiente para nos convencer de que Plutarco escrevia com *visão histórica dos acontecimentos*. Maria Aparecida finaliza apresentando ao leitor aquilo que, como ela coloca, é a condição para se elevar as biografias ao estatuto de fonte histórica: realizar um estudo de conjunto das biografias plutarquianas para, assim, demonstrar como ele escreve a história das cidades-Estado, através da narrativa biográfica dos homens com vida política proeminente e decisiva para os destinos de suas cidades. Dessa forma, no entrelaçamento entre as biografias de Licurgo, Lisandro, Agesilau, Agis e Cleômenes, o leitor verá a autora construir uma narrativa histórica consistente sobre a história de Esparta, obtendo sucesso assim em

comprovar a legitimidade das biografias de Plutarco como fonte histórica fiável.

Ao analisar as correntes de interpretação da natureza epistemológica das *Biografias* de nosso historiador de Queronéia, Maria Aparecida classifica as duas tendências predominantes: os que desqualificam o conteúdo histórico das biografias; os que defendem a qualidade histórica das biografias. A primeira corrente, a autora denomina *Biografias sem História*; a segunda, *História em Biografias*.

Maria Aparecida, por meio do estudo da tradição dos textos plutarquianos no Ocidente moderno, identifica que a posição predominante, que não confere valor histórico às biografias de nosso autor queronense, está solidamente alicerçada sobre uma tradição de no mínimo cinco séculos, tendo como base a segunda tradução europeia das biografias. A primeira tradução, feita em aragonês, entre 1379 e 1384, por Juan Fernández de Heredia, possuía algumas falhas, por faltar ao tradutor conhecimentos históricos, apresentando problemas de vocabulário que comprometiam o sentido da obra; valeu porém para fazer renascer no mundo tardo-medieval o interesse pelas narrativas biográficas, gênero tradicional da Antigüidade. Foi por meio da tradução francesa, Jacques Amyot, de 1559, que o gênero biográfico efetivamente “renasceu”, na medida em que sua tradução acabou por estabelecer as regras para a escrita da biografia moderna, disciplinando a narrativa biográfica, seu método tornando-se referência para os biografistas europeus. A terceira tradução, de Sir Thomas North, de 1579, inspirada em Amyot, foi a grande responsável pela divulgação das biografias plutarquianas, por conta do uso que William Shakespeare fez destas, ao propagá-las por meio de algumas de suas peças, como *Júlio César*. No entanto, o tratamento shakespeariano, ao conferir densidade dramática, favoreceu a confusão entre conteúdo histórico e literário, o que impulsionaria nos críticos posteriores a acusação de que Plutarco, em suas biografias, seria muito mais literário que histórico.

Plutarco tornou-se assim o autor greco-romano mais publicado e lido no período iluminista, influenciando filósofos e literatos, da estatura de Goethe, Montesquieu, Voltaire e Rousseau, os quais se encarregaram de difundir um conteúdo filosófico-moralista da obra do queronense, visão que adentrou o século XIX de forma muito sólida, excluindo as biografias do campo da História na fase de demarcação do campo científico da disciplina histórica, oferecendo-a como campo de trabalho à literatura, sendo notáveis as obras deixadas por um Victor Hugo ou Alexandre Dumas. Não é à-toa, então, que Silva precisou enfrentar corajosamente esta tradição, para recolocar as biografias de Plutarco em seu devido lugar.

Assim, é na esteira desta tradição que a maioria dos comentadores, diante da coexistência entre a forma biográfica e o conteúdo histórico, resolveram rejeitar o segundo, diferentemente de Maria Aparecida, que busca mostrar-nos a complexidade desta efetiva coexistência entre os registros biográfico e histórico. Ao longo de algumas páginas, a autora nos mostra a sobrevida destes argumentos nas décadas mais recentes. Em meados do século XX, Wardman (1955) entendia que Plutarco construía suas biografias conforme o julgamento que fazia do biografado, olhando para suas virtudes e fortuna, afastando-se do compromisso com a narrativa fiel dos acontecimentos. Na última década do século passado,

Pelling (1992), colocou que nosso autor teria escrito voltado para a moral e para o artístico, ficando alheio à veracidade dos registros, sem se importar em relatar os fatos de forma desconexa, tomando o fictício por real, verdadeiro, sem avaliar as fontes de seus relatos. Para Hamilton (1969), o autor de Queronéia não seria nada mais que um biógrafo moralista, que manipularia os fatos em favor de um conteúdo moralizante. Para Froidefond (1987), retomando Crozals (1889), as biografias seriam meras expressões de um platonismo *aggiornato*, da época do *felicitas temporum* que sucedeu a Nerva e floresceu sob a atmosfera ilustrada dos Antoninos. Enquanto alguns reduzem a obra à influência da religião (Lazarus, 1920), outros viam nas biografias a obstinação em demonstrar a superioridade da educação dos gregos sobre a dos romanos (Russel, 1973). Uma das interpretações mais influentes é aquela que considera a retórica o elemento central, que, sendo predominante, explicaria as inconsistências do relato histórico (Breebaart, 1971).

Para construir o *Plutarco historiador*, apresentando-nos a *História em Biografias*, a historiadora não cede à tentação de recorrer a argumentos de natureza intimista ou psicológica. A autora evita assim as armadilhas resultantes de interpretações fáceis do alcance de Plutarco como biógrafo-historiador, as quais por vezes reduzem o sentido da obra plutarquiana a alguns traços de sua biografia: alguns identificam um tom localista nas biografias, resultante de sua opção por permanecer na pequena Queronéia, situada na “provinciana” Beócia; para outros, o queronense estaria, em razão de seu prolongado sacerdotado em Delfos (20 anos), excessivamente influenciado por este sentimento religioso, preocupado pois com a sobrevivência dos cultos apolíneos no Império; para outros, predominaria uma preocupação metafísica, vendo o curso dos acontecimentos da vida dos biografados regido pelo conflito entre *areté* e *tyché*; alguns, por sua vez, ressaltam a riqueza de informações, as comparações de versões de fatos narrados; há aqueles que, por influência do platonismo, veriam o equilíbrio do julgamento moral como mérito central das biografias; para alguns, ainda, Plutarco faria uma psico-história dos gregos e romanos.

Nada obstante considere a influência de aspectos marcantes da vida de Plutarco sob suas obra, é na análise interna do texto e do intertexto (as biografias no conjunto), que a autora evidencia as bases metodológicas que nos permitem afirmar que ele combina a estrutura de gênero biográfico com conteúdo submetido à investigação e à reflexão de historiador (2006, p. 57; p. 64).

Àqueles que reduzem as biografias a uma deformação da realidade, para divertir o público e contar “estórias” destinadas ao ensinamento filosófico e ao mérito literário, ignorando solenemente os aspectos sociais e históricos das biografias, Maria Aparecida responde, defendendo com competência sua hipótese central:

Havia em torno do biografado a sociedade que o regulava e que interferia no curso de sua história, bem como na de sua cidade. Portanto, em decorrência do empenho de Plutarco em contextualizar as ações de seus personagens originou-se a escrita de um texto que poderíamos denominar histórico. Em sua narrativa biográfica, que lhe serve como pano de fundo, subjaz a história de uma cidade-Estado. Assim, a biografia torna-se história, quando a história do indivíduo serve como artifício para abordar o seu contexto histórico, apenas atuando como fio condutor na narrativa e, desse modo tornando improvável a separação ou a delimitação dos gêneros literários.

Maria Aparecida de Oliveira Silva traz assim a discussão para o debate contemporâneo: por meio de Plutarco, ao restabelecer o lugar da biografia no campo legítimo do conhecimento histórico, opõe-se não somente ao legado oitocentista da História metódica, mas de encontro a certas tradições de herança marxista e estruturalista, que refutam a capacidade do gênero biográfico para trazer contribuição relevante à pesquisa histórica, a primeira por considerar que as biografias falam de indivíduos das elites e não das massas, a segunda por caracterizá-las pela coerência artificial das narrativas, tomando-as como imprecisas, vinculadas a fatos isolados da vida cotidiana.

Esta mesma atualidade, no debate historiográfico, pode ser constatada em várias passagens de sua análise do uso das fontes por Plutarco, sobretudo quando aponta que, de forma semelhante à historiografia que se desenvolveu no séc. XX na seqüência da *École des Annales*, o historiador antigo não tinha preferência pelo documento escrito, procurando trabalhar com toda sorte de testemunho, fazendo a articulação entre os testemunhos textuais, as fontes orais e iconográficas. Mais que isto, a autora chama-nos a atenção do nível de reflexão teórica que o próprio Plutarco elaborou sobre este procedimento, no seu diálogo com a tradição historiográfica clássica, como podemos observar em passagens da *Vida de Marco Otão* e de *Vida de Demóstenes*. Na primeira, revela sua atenção para com os registros da cultura material (*Otão*, XVIII, 1). Em um trecho de *Demóstenes*, com o qual finalizamos esta apreciação da obra *Plutarco historiador*, na medida em que sintetiza algumas das preocupações que demonstram ser nosso biógrafo queronense um *investigador* preocupado com a verdade dos acontecimentos e consciente de procedimentos metodológicos necessários:

Na verdade, estando disposto à escrita de um texto histórico, com diferentes fontes e não tendo as informações à mão, mas distribuídas em diversos locais, realmente é preciso ir para o estrangeiro. Deve ser para uma grande cidade, que seja de muito boa fama, amante do belo e bastante populosa. Lá, haverá acesso a **livros de todas as espécies**. Também, estando disponível para **ouvir**, é possível captar e buscar, por meio de perguntas, os **registros que escaparam aos escritores**, que também são de confiança, pois foram mantidos pela **memória** dos homens. Assim, a obra executada não necessitará de mais atributos (*Demóstenes*, II, 1-2).

Fábio Vergara Cerqueira
(Universidade Federal de Pelotas, Brasil)

Índice

